



Foto 1: Aqueduto das Águas Livres. Nascente de Carenque.

Foto de Jorge Diniz

O caminho das águas livres

O Aqueduto das Águas Livres, construído no séc. XVIII por iniciativa do rei D. João V, surge como a resposta à necessidade de se resolver o problema da falta de água na cidade.

Os desejos do rei em ver surgir uma cidade ocidental imponente, uma nova Roma repleta de palácios e monumentos, com um novo grande palácio real e uma nova basílica patriarcal – projectos, estes, do arquitecto italiano Juvarra – não faziam sentido se esta nova cidade não tivesse água, pois os poucos chafarizes que Lisboa dispunha situavam-se na cidade oriental.

Assim, e por insistência do Procurador de Lisboa Ocidental, Cláudio Gorgel do Amaral, o rei veio a assinar, em 12 de Maio de 1731, o alvará em que ordenou o início das obras, documento que obriga todos os proprietários das terras por onde o aqueduto haveria de passar a dar passagem às águas, sem que quaisquer privilégios disso os pudessem escusar.

A ideia de construir um aqueduto remonta já ao séc. XVI quando, no reinado de D. Sebastião, Francisco d' Holanda propunha a reconstrução do antigo aqueduto romano e da respectiva barragem, que terão abastecido Lisboa no séc. III da nossa era, e parcialmente destruído pelas invasões bárbaras.

No início da construção do Aqueduto das Águas Livres assistimos ao confronto entre personagens – de um lado António Canevari, encarregado pelo rei da direcção da obra, e do outro, Manuel da Maia, que haveria de assumir a responsabilidade dos trabalhos em finais de 1732 – bem como entre sistemas tecnológicos –, Manuel da Maia rejeita o princípio dos vasos comunicantes, tendo construído um aqueduto em que a água é conduzida apenas pela gravidade, em caleiras de pedra abertas –

ou materiais de construção – quer o ferro quer o chumbo são igualmente rejeitados, optando pela utilização exclusiva da pedra calcária.

Em 1736, com o aqueduto a chegar quase às portas de Lisboa, ao sítio das Três Cruzes, as frequentes paragens da obra e indecisões levam a uma mudança quer nos planos quer na direcção da obra. O aqueduto já não irá terminar em S. Pedro de Alcântara, às portas do Bairro Alto, mas antes na zona do Rato, para onde a cidade estava a crescer. Por outro lado, os trabalhos passam a ser conduzidos por Custódio Vieira, autor dos Arcos do Vale de Alcântara, solução que, pela sua monumentalidade, vinha ao encontro do gosto do rei. Vieira não chega a ver a água entrar em Lisboa. Só após a sua morte, já sob a direcção de Carlos Mardel, será fechado o arco grande, entrando a água pela primeira vez em Lisboa em 3 de Outubro de 1744.

Mil setecentos e quarenta e oito será o ano oficial da inauguração do aqueduto, o ano em que Mardel conclui o Arco Triunfal das Amoreiras, junto ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, também da sua autoria, cuja conclusão apenas virá a ter lugar em 1834. Da sua autoria são ainda vários chafarizes – Rato, Esperança e Rua Formosa, ou Rua do Século –, aquedutos subterrâneos na cidade, e outros projectos diversos de aquedutos subsidiários para o aproveitamento das inúmeras nascentes conhecidas na zona de Caneças, a montante da nascente da Água Livre, trabalhos que irão decorrer até 1799, ano em que os trabalhos são dados por terminados.

Com uma rede com mais de 58 quilómetros de aquedutos (o Aqueduto das Águas Livres, propriamente dito, tem uma extensão de 14 288 metros desde a nascente da Água Livre, na clarabóia da Mãe d'Água Velha, até ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras) e transportando água de cerca de 60 nascentes, o Aqueduto transportava diariamente, em média, 3500 metros cúbicos de água nos meses de Inverno, produção que descia a cerca de metade nos meses de estiagem.

Dos seus aquedutos subsidiários, desde o do Olival do Santíssimo, o que fica mais distante do reservatório de chegada, muitas são as suas denominações – Poço das Bombas, Vale da Moura, Carvalheiros, Salgueiro, Fonte Santa, Galegas, Rascoeira, S. Brás e outras – evocativas da vida e das lendas de tempos remotos. Alguns dos aquedutos subsidiários devem-se à iniciativa de particulares que, proprietários de nascentes nestas zonas, pretendiam receber a sua água em Lisboa, nos seus palacetes ou conventos, e assim utilizavam o aqueduto como meio para o transporte da água, dando, em contrapartida, parte da sua produção à cidade.

Em Lisboa, os aquedutos subterrâneos de distribuição abasteciam uma rede de chafarizes monumentais que se foram construindo até meados do séc. XIX, rede esta que veio permitir o crescimento da cidade, anteriormente apertada dentro da muralha fernandina, e que agora se vai estender desde os Barbadinhos até Alcântara, e desde a zona ribeirinha até Campolide e S. Sebastião.

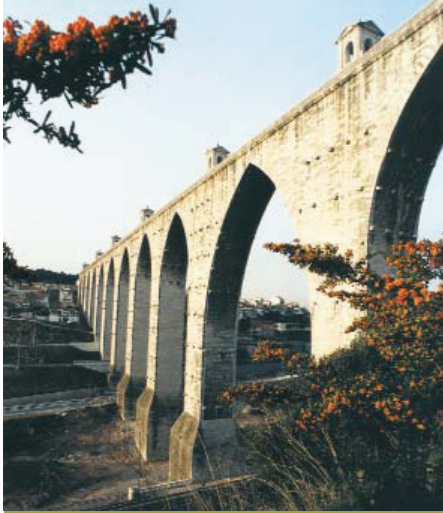



Foto 2: Aqueduto das Águas Livres.



Foto 3: Reservatório da Mãe de Água das Amoreiras.

fotos de Jorge Diniz

veio a ser inaugurado em 1987, tendo sido galardoado, em 1990, com o Prémio do Museu do Conselho da Europa. Em 1994, quando Lisboa foi Capital Europeia da Cultura, juntou-se ao museu um quarto núcleo, o do Reservatório da Patriarcal, cujos trabalhos de recuperação mereceram o Prémio Municipal Eugénio dos Santos em 1995. 

Também a chegada da água à zona do Rato vai permitir o aparecimento aí do primeiro pólo industrial da cidade, com a Fábrica das Sedas, para a qual o Marquês de Pombal mandará plantar as amoreiras, que vêm a dar o nome ao sítio, entre outras.

Para além das situações de privilégio já anteriormente referidas, a população abastecia-se nos chafarizes, ou, então, aqueles que o podiam fazer, compravam a água aos aguadeiros, na sua maior parte galegos que, vindo para Lisboa trabalhar, para aqui trouxeram os seus costumes e a sua gastronomia, sendo eles também os responsáveis pelo combate aos incêndios.

Um complexo sistema de gestão da água era mantido por uma equipa de cerca de 60 homens, tendo em atenção as dotações atribuídas aos chafarizes, o abastecimento dos estabelecimentos públicos e os caudais devidos aos proprietários de água.

Apenas em meados do séc. XIX, com a rede de reservatórios e as canalizações de ferro construídas pela 1.ª Companhia das Águas, segundo projecto de Engenheiro Mary, de Paris, teria início o abastecimento domiciliário, que, no entanto, só viria a ter expansão significativa com a construção, pela 2.ª Companhia, do sistema do Alviela, com águas captadas nas nascentes deste rio, e elevadas, em Lisboa, por máquinas na Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos.

O aqueduto continuará a ser parte do sistema de abastecimento de Lisboa, vindo a ficar desactivado em 1967, numa altura em que Lisboa já dispunha da água do Tejo, tratada em Vale da Pedra graças às novas tecnologias entretanto desenvolvidas.

Monumento Nacional em Lisboa, no vale de Alcântara e nas Amoreiras, desde 1910, juntamente com o Reservatório da Mãe

d'Água das Amoreiras, o Aqueduto é-o, na sua totalidade, bem como os seus chafarizes e o Reservatório da Patriarcal (reservatório da rede construída pela 1.ª Companhia), desde 19 de Fevereiro de 2002.

Já em 1967, o Aqueduto das Águas Livres e o Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras se haviam juntado ao Museu da Água, cujo núcleo-sede é constituído pela Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, que

MUSEU DA ÁGUA DA EPAL

Aberto de segunda-feira a sábado, das 10 às 18h00
(O aqueduto encerra nos meses de Dezembro a Fevereiro).

Contacto para informações, marcação de visitas guiadas, consultas ao Arquivo Histórico:
Tel.: 218 100 215; Fax: 218 100 231.

Informações sobre o museu podem também ser obtidas através da Internet, no endereço:
<http://museudaagua.epal.pt>


RAUL FONTES VITAL,
Museu da Água da EPAL,
Arquivo Histórico.



"A MELHOR MANEIRA DE CONSERVAR UM EDIFÍCIO É MANTÊ-LO EM USO, UMA PRÁTICA QUE PODE ENVOLVER MODERNIZAÇÃO COM OU SEM ALTERAÇÕES DE ADAPTAÇÃO"

In: Carvalho, José A. Lobo - Salvaguarda do Património Edificado

Obra de remodelação do Museu (antiga vacaria) ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA D. DINIS - PAIJA



Rua Miguel Torga, 2-C Escritório 4.6 Alfragide 2720-292 AMADORA
Tel: 214725470 fax: 214725471 e-mail: info@breera.pt www.breera.pt

PUB